

“ESTE LIXO DO ENGENHO HUMANO”: UM SENTIDO ATUAL DO CONTO QUEIROSIANO “CIVILIZAÇÃO”

“ESTE LIXO DO ENGENHO HUMANO”:
A CURRENT MEANING OF THE
QUEIROSIAN TALE “CIVILIZAÇÃO”

Orietta Abbati 

Universidade de Turim, Turim, Itália

Resumo

O artigo concentra-se numa reflexão sobre o conto “Civilização”, em que aparece uma identificação do conceito de civilização associado ao desenvolvimento tecnológico, que já na segunda parte do século XIX se ia afirmando nas camadas ricas da burguesia urbana. Tendo em conta os temas prevalentes na obra de Eça de Queirós, considera-se interessante ver como neste conto, por vezes esquecido, sendo síntese e antecipação do romance *A cidade e as serras*, já se descortine a questão muito atual do papel totalizante da tecnologia na vida, quer do homem, quer da terra, em pleno Antropoceno. Isso implica uma aceleração da transformação no nível global do seu relacionamento com a natureza e também a irreversibilidade da mudança do planeta. Esse conto, apelando à reflexão sobre a maneira de encontrar um equilíbrio entre desenvolvimento e conservação da vida na terra, de fato mostra de maneira clara o caráter trans-histórico e universal da escrita queirosiana.

Palavras-chave: conto; civilização; tecnologia; homem; natureza.

Abstract

The article reflects on the short story “Civilization”, in which there appears an identification of the concept of civilization associated with technological development, which was already asserting itself in the second part of 19th Century in the rich classes of the urban bourgeoisie. Taking into account the prevailing themes of Eça de Queirós’s work, it is interesting to see how in this often-forgotten tale — being a synthesis and anticipation of the novel *A cidade e as serras* — the very current issue of the totalizing role of technology in the life of

Sinossi

L’articolo si concentra su una riflessione intorno al racconto “Civilização”, in cui appare una identificazione del concetto di civiltà associato allo sviluppo tecnologico, che già nella seconda metà del XIX secolo si andava affermando negli strati ricchi della borghesia urbana. Tendendo conto dei temi prevalenti nell’opera di Eça de Queirós, si ritiene interessante vedere come in questo racconto, talora dimenticato, essendo una sintesi e una anticipazione del romanzo *A cidade e as Serras*, si intraveda già la questione molto attuale del ruolo totalizzante

both man and earth is already unveiled in the middle of the Anthropocene. This implies an acceleration of the phenomena of transformation at a global level of its relationship with nature as well as the irreversibility of the transformation of the planet. This tale calls for reflection on how to find a balance between development and conservation of life on earth, and clearly shows the transhistorical and sometimes universal nature of Queiroso's writing.

Keywords: Tale; Civilization; Technology; Humanity; Nature.

della tecnologia nella vita, sia dell'uomo che della terra, in pieno antropocene. Questo implica un'accelerazione della trasformazione a livello globale del suo rapporto con la natura e anche l'irreversibilità del cambiamento del pianeta. Il racconto, invitando alla riflessione sul modo di trovare un equilibrio fra sviluppo e conservazione della vita sulla terra, in effetti, mostra in modo chiaro il carattere trans-storico e universale della scrittura queirosoiana.

Parole chiave: Racconto; civiltà; tecnologia; uomo; natura.

O tema da chamada para esse número de *Alea*, “Eça de Queirós: nosso contemporâneo” é um tema que, com alguma razão, leva a pensar nos *Contos*, e quase naturalmente no conto “Civilização”. Existe mais de uma justificação para a escolha. A primeira tem que ver com o gênero que, ao lado do romance, representa a parte mais consistente da ampla e multifacetada obra do autor. O conto, caracterizado por “tradição histórica e cultural” (Reis, 2018, p. 66) como um relato geralmente breve, “onde se narra uma história, sem grande complexidade”, (Reis, 2018, p. 66) cujo princípio implica uma concentração semântica e discursiva, hoje parece possuir os requisitos mais eficazes a favor de uma leitura ágil e veloz, preservando o estatuto literário do texto. Ao lado dessas definições gerais, às quais outras se poderiam juntar, mas que aqui é escusado elencar, há um certo interesse em colocar um texto de ordem ensaística-metaliterária do próprio Eça acerca do gênero do conto e outras reflexões sobre a arte, constituído pelo denso prefácio aos *Azulejos* do conde de Arnoso. A certa altura escreve Eça:

Pegar penosamente à rabiça de um arado de ferro, e il-o empurrando desde a alva ao crepúsculo, por uma gleba ressequida e empedernida, é labor doloroso e que enche o ar de gemidos: é o labor d'um Flaubert, erguendo heroicamente palavra a palavra o seu monumento, com uma pena rebelde. Mas, neste mesmo campo, tratar d'um canteiro de rosas, na limpidez da tarde, quando há frescura e sombra, é coisa repousante e salutar: e o conto é esta leve flor de arte que se cultiva cantando (Queirós, s.d., p. 149).

Temos aqui, evidentemente, um exemplo da arte do escritor em usar estilos e registros diferentes que obedecem a diferentes exigências: uma pragmática, de convidar o leitor a aproximar-se dos *Azulejos* do Arnoso, e fá-

lo através da sugestiva metáfora da jardinagem, que implica uma atmosfera e uma condição propícias ao autor para se dedicar ao trabalho leve da escrita de contos que, com certa naturalidade, sugere também a leitura, tornando-se esta num momento agradável e quase de descanso para quem o puder desfrutar.

Contudo a metáfora, ultrapassando as contingências e, talvez, a amigável generosidade de Eça, revela o seu pensamento teórico relativamente aos dois gêneros literários a que mais se dedicou, em que a escrita mais complexa, e por isso mais fatigante e fundamental, é a do romance, não sendo casual a referência à autoridade máxima na altura ainda encarnada por Flaubert¹. Tendo em conta o conteúdo do prefácio, é impossível não reconhecer, portanto, outra exigência, que revela a necessidade de estabelecer uma ordem, ao debruçar-se em âmbitos teóricos em que a mesma mão do escritor se dividia entre romance e conto, para além da quase totalidade dos outros tipos de escrita que, ao mesmo tempo, Eça ia praticando.

Se atendermos às palavras do autor, tratar-se-ia de uma avaliação do conto algo minorativa, pelo menos do ponto de vista formal. No entanto, se a brevidade e a menor complexidade da intriga narrativa, desenvolvida por um número essencial e limitado de personagens, são uma realidade textual evidente, isto não implica um reduzido valor literário.² Sobretudo no caso de Eça de Queirós, que “[...] projetou, no conto e nos termos em que o cultivou, algumas das qualidades de contador de histórias que no romance largamente evidenciou” (Reis, 2009, p.49-50). Limitando-nos à observação do conto “Civilização”, podemos logo ver como este representa uma das várias formas que a reflexão do autor assume acerca dum tema, o da relação do homem com o progresso tecnológico, no seu valor civilizacional, com o meio ambiente, e a natureza, que cada vez mais foi ocupando um lugar central de sua escrita, dilatando-se no romance, sendo fulcro de artigos e textos doutrinários. Não se pode, de resto, esquecer a maestria e a atenção do escritor ao tematizar o amplo e abrangente conhecimento da sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX, as ideias que nela transitam, a fim de construir uma visão crítica, sensível ao clima social e a tudo que nele se agita, tendo, para isso, a vantagem de olhar para ela da distância que a atividade consular lhe

1 Eça escreveu o prefácio em 1886, numa década dominada pelos grandes romances realistas e naturalistas, ecoando nele ainda as premissas da Conferência “O Realismo como nova expressão da Arte”, proferida no Cassino de Lisboa em 1871, em que a referência ao grande romancista Flaubert aparece como a maior e imprescindível ferramenta teórico-estética da proposta queirosiana de renovação literária e cultural da sociedade portuguesa.

2 Num passo anterior do mesmo Prefácio, Eça define, sem metáforas, mas com uma linguagem eivada de rasgos poéticos, as características do gênero que vale a pena citar: “No conto tudo parecia se apontado num risco leve e sóbrio: das figuras deve-se ver apenas a linha fragante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba num olhar, [...] da paisagem somente os longes, numa cor unida” (Queirós, s.d., p. 147)

permitia.³ Nessa perspectiva, a obra queirosiana é um poderoso espelho que nos oferece um reflexo vívido de transformações significativas, num tempo complexo e, por isso, cheio de solicitações. Há de fato temas dominantes, como o do adultério ou o da educação das mulheres, que logo se impõem, sobretudo na fase mais ligada aos cânones do realismo e do naturalismo. Mas outras questões, que já na época se apresentaram, tornam-se temas não secundários, testemunho do processo de evolução de toda a sua escrita. Ou seja, como afirma C. Reis, “[...] a ficção queirosiana constitui um espaço privilegiado para acolher a interação de sentidos temáticos” (Reis, 2000, p. 40), alguns dos quais voltaram hoje a ganhar força despertando um novo interesse. Aqui vem a segunda razão da escolha do conto acima referido.

O título, “Civilização”, primeiro elemento paratextual de identificação da narrativa, relaciona-se com o tema central, ao qual Eça é muito sensível, se considerarmos a abundante produção consagrada à questão que vem caracterizar a sociedade finissecular. Esse conto constitui, na sua síntese, o testemunho mais perspicuo da problematização da civilização como centro de interesse do autor. Interesse que na nossa contemporaneidade continua, reforçado pelas problemáticas que ainda, e agora mais do que nunca, o homem tem de enfrentar no seu relacionamento com a natureza e com o meio ambiente; solicitado pela complexa evolução da realidade, cujo equilíbrio entre tecnologia avançada e conservação do planeta se tornou um dos interrogativos mais urgentes a que responder. Ao reler, hoje, “Civilização”, essa temática sobressai quase naturalmente, mesmo que tudo no conto corresponda a um retrato pontual daquilo que a sociedade do fim do século XIX tinha produzido, do ponto de vista do progresso material e tecnológico, e que agora, em pleno século XXI, nos apareça como arqueologia. Testemunha esta do seu carácter, diríamos, universal, e trans-histórico, projetado na atualidade. Configurando-se como parte suscetível da evolução de uma sequência de textos em volta da mesma temática com evidentes ligações entre si, “Civilização”⁴ logo aparece como antecipação ou primeiro esboço, inscrito nos limites espaço-temporais do gênero, de *A cidade e as serras*, romance que, de certa forma, é uma ampliação do conto, em que o mesmo tema será trabalhado e desenvolvido de uma forma mais abrangente, para chegar a um *explicit* sob o signo da ambiguidade e da interrogação. Vale a pena lembrar a sua publicação póstuma em 1901, um ano antes dos *Contos* reunidos em volume. No mesmo período em que o conto sai, (1892), Eça envia para a *Gazeta de Notícias* o artigo “Positivismo e Idealismo” (1893), onde continua, de certa maneira, a reflexão sobre crise estético-ideológica do positivismo e do naturalismo, crise materializada numa

3 Entre 1872 até o final da vida, Eça foi cônsul em Havana, em Newcastle, em Bristol e em Paris.

4 Publicado primeiro na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro em 1892, inserido depois na edição póstuma *Contos*, de 1902, coligida por Luís de Magalhães.

verdadeira revolta antipositivista a que pode assistir em presença na *ville lumière*, e que abre o espaço a outras sensibilidades artísticas, virando para mundos imaginários, pois que, como escreve Eça, “[...] sempre nas épocas como esta, de grandes dissoluções de doutrinas, o mundo será atravessado, se não purificado, por um forte vento de idealismo...” (Queirós, s.d., p. 251). Conclusão esta a que o autor chega, depois de ter explicado que “[a] causa é patente, está toda num modo brutal e rigoroso com que o positivismo científico tratou a imaginação, que é uma tão inseparável e legítima companheira do homem” (Queirós, s.d., p. 263).

A proximidade temporal entre o artigo e o conto “Civilização” mostra como na altura Eça estava plenamente ciente das mudanças da sociedade em todas as suas componentes, a que de certa forma ele primeiro dá espaço nos seus textos, em particular, pelo que aqui interessa, nos contos que, entretanto, ia publicando. Ora, em “Civilização”, a crise do positivismo científico aparece na tematização do desenvolvimento tecnológico, que, como o próprio título indica, seria a primeira e mais icônica representação da civilização. De fato, embora os termos “brutal e rigoroso” estejam ligados à ideologia, à afirmação e ao domínio do positivismo científico, sublinhando a sua modalidade dura e totalizante, não parece aqui fora do lugar entrever na análise de Eça outras potencialidades de representação da sua crise, além da escolha de modalidades narrativas que ultrapassam o âmbito da ortodoxia realista, ao deslocar num texto literário a brutalidade e o rigor, para os tematizar com o eficaz instrumento do tratamento irônico dos seus símbolos de maior impacto material.

A intriga narrativa, construída a partir dessa ideia, a um primeiro olhar está organizada com elementos em contraposição e com correspondências simétricas, numa dualidade através da qual o narrador homodiegético conta a história. Interessa, aqui, sublinhar como a escolha deste tipo de narrador aponta para a evolução da escrita queirosiana no que diz respeito às técnicas narrativas, como amplamente analisado por Carlos Reis, no seu ainda fundamental ensaio *Estatuto e perspetivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*.⁵ Já foram amplamente salientadas as diferenças e as ligações, quer formais, quer temáticas, entre o conto e o romance *A cidade e as serras*, tendo sido este objeto privilegiado de análise.⁶ Se é verdade que no romance Eça chega

5 Lemos na introdução: “[...]a evolução a que nos referimos encontra-se mesmo documentada em certos textos de intenções francamente programáticas: [o artigo] ‘Positivismo e Idealismo’ atesta, de modo inequívoco, a rejeição frontal das coordenadas estético-literárias que haviam nutrido e orientado os primeiros romances” (Reis, 1975, p. 12-13). Consequente a esta evolução, afirma ainda Reis: “[...] os germes de um modelo de narração de características diversas das manifestadas à sombra do figurino heterodiegético não podiam deixar de brotar no *Mandarin* e na *Relíquia*: [...] e na *Cidade e as Serras*” (Reis, 1975, p. 391-392), aos quais podemos associar também o conto “Civilização” aqui analisado.

6 A este respeito lembra-se o amplo e ponderoso estudo de Frank F. Sousa, *O segredo de Eça: ideologia e ambiguidade em “A Cidade e as Serras”* (Sousa, 1996).

a uma mais pormenorizada narração da história, realçando a complexidade do tema, é também inegável que o conto, sendo o âmago da narrativa depois desenvolvida e ampliada, tem um dos seus pontos qualificantes na síntese em que o escritor consegue utilizar todos os recursos estilísticos para propor o tema de forma ágil e eficaz.

Citando as palavras de F. Sousa, que afirma que [...] Eça, ao elaborar o conto “Civilização” em 1892, estava simplesmente a dar forma a uma preocupação e a uma ideia que viera desenvolvendo ao longo de quase três décadas” (Sousa, 1996, p. 164), é possível ver como essa preocupação se materializa no texto, constituindo também a primeira etapa de um percurso já traçado nos dois diferentes títulos. Em “Civilização”, uma personagem cujo nome é José é revelado quase em surdina, introduz logo a história do protagonista, Jacinto,⁷ jovem e abastado cidadão lisboeta, de quem o narrador é amigo, que “[...] nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado” (Queirós, 1990, p. 67). O *incipit*, com poucas palavras essenciais, dá-nos as coordenadas para identificar os espaços de ação do protagonista: o palácio, chamado Jasmineiro, com evidente função metonímica de uma cidade, a capital onde ele mora e o ambiente rural das terras pingues de onde vem a riqueza de Jacinto. Detendo-nos ainda no *incipit*, o narrador diz: “Eu possuo preciosamente um amigo”, revelando logo o nome do protagonista em surdina, entre parênteses, forma esta para intuir desde o início a modalidade narrativa adotada: uma ironia leve, em equilíbrio entre a robusta amizade com Jacinto e uma saudável distância crítica para com ele e as suas escolhas de vida e ideias. Aqui, o que mais importa: o narrador carrega-se da função de contador da história, não neutro; antes, recorrendo a uma “subjectivização do discurso” (Rita, 1997, p. 86), filtra tudo através do seu olhar, criando as condições ideais para apresentar a complexa e problemática questão da civilização, num contínuo confronto com Jacinto, que representa o resultado mais completo daquilo que é viver e desfrutar no nível superior do progresso científico e tecnológico no final do século XIX. Conceito sucessiva e pormenorizadamente ilustrado no romance *A cidade e as serras*, onde vemos Jacinto estabelecer uma conexão entre civilização e qualidade de vida, no momento em que elabora a ideia de que “[o] homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado” (Queirós, 1912, p. 12).

7 Relativamente à tipologia da personagem, na obra de Eça recorre a figura com características semelhantes às de Jacinto, em *A cidade e as serras*, repetindo-as até no nome idêntico do protagonista e desenvolvendo-as, bem como a personagem de José Ernesto no conto póstumo “Um dia de chuva”. Todos acabam por escolher uma mudança do espaço vivencial, afastando-se da cidade para viver no campo, mas, enquanto no último conto citado o protagonista toma uma decisão clara e talvez definitiva, ao casar com a filha do dono do Paço-de-Loures. Como o *explicit* revela – “Seis meses depois casavam, na capella do solar de Villalva, por uma manhã também de grande chuva” (Queirós, 1948, p. 369) – no romance e, já detectável no conto em análise, esse tipo de escolha não parece de todo definitiva, deixando em suspenso uma resposta clara e satisfatória acerca da questão da oposição cidade/campo.

A afirmação de que Jacinto era “[...] de todos os homens que conheci, o mais complexamente civilizado – ou antes aquele que se munira da mais vasta soma de civilização, material, ornamental e intelectual” (Queirós, 1990, p. 68), condensa de fato todos os elementos em campo, salientando, sempre através do advérbio, uma abordagem nada pacífica e consequencial da ideia positiva dominante sobre o conceito de civilização. De resto e coerentemente, a própria modalidade adotada para as descrições desta “soma de civilização” realiza-se “principalmente enumerando e especificando” (Rita, 1997, p. 84), de modo a criar uma hipérbole logo percebida como irônica, ajudada também pelo uso magistral da hipálage, que se tornará constante estilística ao longo de todo o conto, culminando, com pontas de comicidade, como este trecho exemplarmente mostra:

Nunca recordo sem assombro a sua mesa, recoberta toda de sagazes e subteis instrumentos para cortar papel, numerar páginas, colar estampilhas, aguçar lápis, raspar emendas, imprimir datas, derreter lacre, cintar documentos, carimbar contas! Uns de níquel, outros de aço, rebrilhantes e frios, todos eram de um manejo laborioso e lento. [...] Mas a todos ele considerava indispensáveis para compor as suas cartas (Jacinto não compunha obras) assim como os trinta e cinco dicionários e os manuais [...]. O que, porém, mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso carácter de civilização eram [...] os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento – a máquina de escrever, os autocopistas, o telégrafo Morse, o fonógrafo, o telefone, o teatrofone, outros ainda, todos com metais luzidios, todos com longos fios. [...] Todos estes fios mergulhados em forças universais transmitiam forças universais. E elas nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e disciplinadas! Jacinto recolhera no fonógrafo a voz do conselheiro Pinto Porto, no momento de exclamar com respeito, com autoridade: — *Maravilhosa invenção! Quem não admirará os progressos deste século?* Pois, numa doce noite de S. João, o meu supercivilizado amigo, desejando que umas senhoras parentas do Pinto Porto admirassem o fonógrafo, fez romper do bocalhão do aparelho a conhecida voz, rotunda e oracular: *Quem não admirará os progressos deste século?* Mas [...] de repente o fonógrafo começa a redizer[,] [...] interminavelmente, [...] a sentença do conselheiro: *Quem não admirará os progressos deste século?* (Queirós, 1990, p. 69-70, grifos nossos).

A repetição ininterrupta da voz saindo do fonógrafo faz tornar a casa inutilizável pelos seus hóspedes, que fogem para a rua. Do mesmo modo, outro acidente doméstico inesperado tem que ver com a expressão máxima de viver com todos os mais requintados e modernos meios e instrumentos tecnológicos, como ter dois diferentes elevadores para trazer à rica mesa de Jacinto comida quente ou fria, mostrando aos convivas “a superfinidade do comer” no Jasmineiro. Pois, conta o José, que “[...] jantando com Jacinto

um bispo, [...] o peixe emperrou no meio do ascensor, sendo necessário que acudissem, para o extrair, pedreiros com alavancas” (Queirós, 1990, p. 72).

A modalidade de leve e divertida ironia, ao lembrar os dias na casa de Jacinto, e a enumeração hiperbólica “do admirável mundo novo” todo confluído no seu palácio, por outro lado, têm uma correspondência na relação do protagonista com toda esta acumulação de civilização. Assiste-se, de fato, a uma forma de bulimia, que implica sobretudo uma saturação íntima, existencial, manifestada por Jacinto no cada vez mais frequente “bocejo, perpétuo e vago” e no “[...] brado constante que lhe ia na alma ‘Que maçada! Que maçada!’” (Queirós, 1990, p. 75). Atitude de que o velho escudeiro Grilo, na sua simples, mas aguda intuição, identificava a causa declarando que “Sua Excelência sofria de fartura” (Queirós, 1990, p. 76). Consequência disso é a pontual rejeição, apesar da momentânea satisfação por ter conseguido a última novidade tecnológica. Uma lei do contrapasso, a que Jacinto obedece, alimentando a sua recente propensão para a filosofia pessimista, ao mergulhar na leitura de Schopenhauer e do Ecclesiastes. Ressoa aqui, muito clara, a reflexão de Eça no artigo “Positivismo e Idealismo”, ao fazer de Jacinto um protótipo português da consciência da crise, do pensamento do positivismo científico.

De resto, os estragos do excesso de progresso, e, portanto, de civilização, são bem visíveis na própria imagem de Jacinto, descrito no início como “mais resistente e são que um pinheiro das dunas” (Queirós, 1990, p. 67) e que agora parece ter envelhecido e ter perdido o viço da juventude, uma vez que: “[...] palpava na face, com os dedos finos, a palidez e as rugas. Aos trinta anos Jacinto corcovava, como sob um fardo injusto!” (Queirós, 1990, p. 74-75).

Poder-se-ia concluir que a cultura do ter, a acumulação quantitativa de bens materiais e também espirituais ou culturais – lembremos o exagero de volumes de todas as disciplinas que enche a imensa biblioteca do Jasmineiro, “[...] oito metros de economia política! Assim se achava formidavelmente abastecido o meu amigo Jacinto de todas as obras essenciais da inteligência e mesmo da estupidez” (Queirós, s.d., p. 68) –, não corresponde a uma vida deveras melhor, testemunhada por uma condição física perfeita, sublinhando, deste modo, os limites ou os riscos dum progresso imparável de civilização. Desequilíbrio que envolve o próprio espaço urbano, sendo a cidade destinatária e depositária privilegiada do progresso e desenvolvimento tecnológicos.⁸

O estado de paralisia vital a que Jacinto parece ter chegado, desfrutando em sumo grau das vantagens da civilização, encontra uma ocasião de mudança no campo, sendo este, em sentido oposto, um espaço ainda quase não tocado pela civilização.

8 O envolvimento geral do espaço urbano no discurso crítico sobre a civilização e o progresso aparece bem e amplamente desenvolvido no romance *A cidade e as serras*.

O conto divide-se, de fato, entre essas duas realidades,⁹ ligadas entre si pela mesma modalidade da narração predominantemente construída na tônica da ironia que, com a mudança de contexto, adquire uma eficácia ainda mais evidente. Aparece, assim, totalmente irrealista a tentativa malograda de Jacinto de levar para o solar de Tormes, localidade onde se encontram as suas “pingues terras”, as mesmas confortáveis condições de que gozava no Jasmineiro. A ocasião de ter de viajar até ao campo constitui para Jacinto outro motivo de tédio, tendo dedicado sete semanas à preparação “para essa jornada agreste”. As quantidades hiperbólicas de tudo o que acha indispensável para poder aguentar o período que terá de passar em Tormes mostra, ironicamente a total ignorância, ou melhor, o total esquecimento, de Jacinto da realidade rural. Fechado e prisioneiro dos seus hábitos urbanos requintados e supercivilizados, a sua figura torna-se representação de um impasse incontornável, de uma divisão irreduzível entre os dois contextos. Impasse que na narração encontra uma solução involuntária, com a perda durante a viagem de toda a bagagem – 37 malas – e com o mau funcionamento de comunicação com o pessoal do solar, que nunca foi avisado da chegada de “Sua Excelência”. Há, portanto, uma mudança abrupta, que de qualquer maneira mostra um certo esquematismo, de resto justificável pelo sucinto espaço reservado à narrativa do conto, em que vemos Jacinto no solar de Tormes, numa condição simetricamente oposta à que tinha na cidade: ter que viver na ausência de qualquer comodidade.

A adaptação ao novo estado implica a emergência de uma nova atitude para com a vida no campo, bem explícita na recuperação mnemónica dos sabores da infância que Jacinto volta a experimentar, comendo com grande apetite os pratos caseiros e simples, que tinham sido apagados pela “superfinitude do comer” no Jasmineiro. Assiste-se, assim, a uma verdadeira substituição e a uma quase abolição de tudo o que antes era indispensável, para eleger a frugalidade e a simplicidade da vida rural como solução ao peso da existência.

Este aspecto induz justamente a pensar que neste conto Eça continue uma longa e complexa reflexão sobre a civilização e as questões postas no seu relacionamento com o homem, que o leva a imaginar uma solução algo romântica, representada por uma modalidade regressiva à vida no campo,¹⁰ contudo essa seria uma leitura insuficiente e demasiado simplificadora. De fato, o remate do conto deixa-nos imaginar Jacinto, como sugerido, mais

9 Nesse sentido, Eça de Queirós inscreve-se na linha de uma longa tradição literária em volta da oposição cidade/campo ou civilização e natureza, tema este, que, como afirma Frank Sousa, “é tão antigo como a história da cultura e do pensamento ocidentais” (Sousa, 1996, p. 203).

10 É interessante ver o levantamento da crítica portuguesa sobre *A cidade e as serras*, romance que aprofunda e amplia o conto em questão, acerca do posicionamento estético-ideológico de Eça de Queirós, em que se realça de forma geral uma visão neoconservadora (Sousa, 1996, p. 9-11)

uma vez, pelo narrador – que afirma “Àquela hora, decerto, Jacinto, na varanda, em Tormes, sem fonógrafo e sem telefone, reentrado na simplicidade, via “[...] a boiada recolher entre o canto dos boiadeiros” (Queirós, 1990, p. 93) –, como uma pessoa nova, no corpo e no espírito, com a força juvenil recuperada e finalmente em paz consigo mesmo, tendo encontrado as verdadeiras razões de vida no possesso das poucas e básicas ferramentas da civilização, como os livros essenciais mandados vir da imensa biblioteca do Jasmineiro.

Essa conclusão, precedida por uma última parte extremamente significativa e esclarecedora do ponto de vista do narrador e provavelmente do próprio Eça, sobretudo à luz da nossa atualidade, adquire um significado que vai além da visão do século XIX. Trata-se do regresso do amigo ao Jasmineiro “deserto”, para buscar os tais volumes fundamentais, ou seja “[...] uma “Vida de Buda”, uma “História da Grécia” e as obras de S. Francisco de Sales” (Queirós, 1990, p. 91). Aqui a narração avança sob o signo da conotação fortemente negativa, dando lugar a uma inversão valorativa das vantagens da civilização, visível na própria descrição do interior do palacete, há quatro anos abandonado. Tudo parece morto e já não utilizável, o que leva a uma crítica explícita, onde a ironia, raramente abandonada pelo narrador, continua a ser a modalidade mais eficaz. Basta ver o momento em que José entra no gabinete de trabalho de Jacinto, descrito nestes termos:

[...] tropecei num montão negro de ferragens, rodas, lâminas, campainhas, parafusos.... Entreabri a janela, e reconheci o telefone, o teatrofone, o fonógrafo, outros aparelhos, tombados das suas peanhas, sórdidos, desfeitos, sob a poeira dos anos. Empurrei com o pé este lixo do engenho humano. [...] E ali jaziam, tão lamentáveis e grotescas, aquelas geniais invenções que eu saí rindo, como de uma enorme facécia, daquele supercivilizado palácio (Queirós, 1990, p. 92).

Logo a seguir, saindo do espaço particular do Jasmineiro, entramos numa reflexão alargada, implicando aspectos teóricos do progresso tecnológico geral, com rasgos algo filosóficos, sendo este a manifestação mais tangível e identificadora da civilização do século XIX, como muito claramente afirma ainda José:

[...] através das ruas mais frescas, eu ia pensando que este nosso magnífico século XIX se assemelharia um dia àquele Jasmineiro abandonado, e que outros homens, com uma certeza mais pura do que é a Vida e a Felicidade, dariam como eu o pé no lixo da supercivilização, e, como eu, ririam alegremente da grande ilusão que findara, inútil e coberta de ferrugem (Queirós, 1990, p. 92-93).

Os parágrafos finais do conto propõem um passo à frente na reflexão sobre o relacionamento do homem com o mundo, onde, na altura e com toda a evidência, o espaço urbano e o espaço rural eram muito distantes e estavam rigorosamente separados, identificando em termos gerais uma dicotomia entre cidade e campo, cuja linha de separação era representada também pelo desenvolvimento e pelo progresso tecnológico, como o conto demonstra. Contudo Eça deixa entrever, aqui, as questões que ainda agora envolvem esse mesmo relacionamento, tendo embora ultrapassado de qualquer maneira a dicotomia do século XIX.

O passo à frente está incluído na própria escrita irônica, que, projetada em pleno século XXI, de certa maneira deixa de ser percebida como tal; considerando que a hipérbole descritiva queirosiana tem a finalidade de um desejável e saudável distanciamento crítico, hoje o excesso ou a bulimia tecnológica representa pura e simplesmente uma realidade comum. O extraordinário desenvolvimento da tecnologia, de fato, abrange, já não hiperbolicamente, a vida toda do homem, mas também reduz muito a distância entre cidade e campo.

Outro passo à frente que Eça dá em “Civilização” encontra-se ainda nessa última citação, em que se advinha uma grave consequência da “supercivilização”; hoje também, mais do que nunca, falamos do lixo tecnológico, que até ultrapassou os confins do planeta para orbitar no espaço. Esses problemas parecem ter sido entrevistados pelo escritor, embora, quase a brincar, os tenha escondido atrás do riso. Esse lixo tecnológico, por outro lado, não constitui uma consequência a que o homem se poderia resignar, tendo encontrado a bem mais importante “[...] certeza mais pura do que é a Vida e a Felicidade” (Queirós, 1990, p. 91). Percebe-se aqui uma sutil atitude cética ou a dúvida sobre a capacidade do progresso de resolver os grandes interrogativos filosóficos aos quais até agora tem sido impossível dar uma resposta. Daqui a conclusão fortemente irônica, mas velada de amargura, reveladora do pensamento de Eça, já plenamente ciente de que o século XIX só foi uma ilusão. Ilusão talvez projetada também no nosso século, quando nos encontramos ainda em frente das mesmas questões, articuladas com maior complexidade.

Hoje, fala-se mais, no nível global, da necessidade de olhar para o relacionamento do homem com o mundo, da necessidade de rever e talvez cancelar a dicotomia homem natureza. Numa visão de plena consciência da era do Antropoceno, que “[é] o nosso tempo histórico [...] o sinal da nossa potência, mas também da nossa impotência” (Bonneuill; Fressoz, 2019, p. XIII, tradução nossa),¹¹ tornou-se agora urgente para a própria sobrevivência

11 No original: “è il nostro tempo storico [...] il segno della nostra potenza, ma anche della nostra impotenza”.

do planeta considerar na sua totalidade, holísticamente, o lugar do homem no mundo. É necessário mudarmos de perspectiva e sermos cientes de que a ciência não pode continuar a considerar a natureza, citando as palavras de Danilo Serra, como “[...] matéria inerte e passiva ilimitadamente à disposição do homem” (Serra, 2020, p. 54, tradução nossa).¹² De resto, está-se afirmando no mundo científico a certeza de que “[o] Homem [...] não é o centro do universo, antes, é só uma entre [*sic*] as muitas milhões de espécies que, povoando o planeta, constituem a comunidade dos vivos” (Mancuso, 2019, p. 11, tradução nossa).¹³

Trata-se de uma urgente necessidade de mudança nas relações do homem com o ambiente, que não se podia imaginar na época de Eça de Queirós, mas que ele, no entanto, terá intuído, com a sua inteligente sensibilidade e ampla visão do real, ao dar repetidamente e variamente espaço, nas suas obras, com toda a convicção, a temas como o do conto “Civilização”, que levariam sua reflexão e suas perguntas até nosso presente.

Uma última consideração sobre esta narrativa que parece perspectivar uma solução satisfatória aos problemas postos pelo excesso de civilização ou pela sua falta: a escolha de Jacinto de viver com renovado equilíbrio no campo, “reentrado na simplicidade”, desfrutando simplesmente dum mínimo, mas suficiente apetrechamento tecnológico e cultural. Embora este *explicit* pareça precipitado ou algo simplificador, deixando ao romance *A cidade e as serras* um remate mais ambíguo, aqui também ressoa uma ponta de incerteza, pois o leitor só é informado pelo narrador, que vê na sua imaginação Jacinto gozar da nova vida no campo. Como afirmado por Annabela Rita (1997, p. 87), “[...] não ficamos com ele, no final, não o acompanhamos até ao fim do seu percurso”. A suposição do narrador, embora revestida da autoridade do adverbial “decerto”, deixa de fato a porta aberta à incerteza de uma solução que poderia não resolver definitivamente a questão, e que, antes, suspende a resposta, cuja ambiguidade está na imagem romântica do “canto dos boiadeiros”, no qual seria impossível não perceber um último olhar irônico do amigo José.

12 No original: “*materia inerte e passiva illimitatamente a disposizione dell'uomo*”.

13 No original: “*L'uomo, [...] non è il centro dell'universo, ma solo una fra le tante milioni di specie che, popolando il pianeta, formano la comunità dei viventi*”.

Referências

- BONNEUIL, Christophe; FRESSOZ, Jean-Baptiste. *La terra, la storia e noi: L'evento Antropocene*. Trad. Agnese Accattoli; Andrea Grechi. [S.l.]: Treccani, 2019.
- MANCUSO, Stefano. *La nazione delle piante*. Bari-Roma: Editori Laterza, 2019.
- QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1912.
- QUEIRÓS, Eça de. “Civilização”. In: QUEIRÓS, Eça. *Contos*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1990. p. 67-93.
- QUEIRÓS, Eça de. *Obras de Eça de Queirós, O Egípto, Cartas inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas esquecidas*. Ed. do Centenário. Porto: Lello & Irmão Editores, 1948. v. XIV.
- QUEIRÓS, Eça de. Prefácio dos “Azulejos” do Conde de Arnoso. In: QUEIRÓS, Eça de. *Notas contemporâneas*. Porto: Lello & Irmão Editores, s.d. p. 131-155.
- QUEIRÓS, Eça de. Positivismo e Idealismo. In: QUEIRÓS, Eça. *Notas contemporâneas*. Porto: Lello & Irmão Editores, s.d. p. 253-267.
- REIS, Carlos. *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*. Coimbra: Livraria Almedina, 1975.
- REIS, Carlos. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- REIS, Carlos. Dicionário de Estudos Narrativos. Coimbra: Almedina, 2018.
- RITA, Annabela. Relendo Eça. De novo, “Civilização”. *Vária Escrita*, Lisboa, n. 4, p. 83-89, 1997.
- SERRA, Danilo. Ripensare oggi l’umano e la natura attraverso il concetto di limite. *ArteScienza*, v. VII, n. 13, p. 53-70, 2020.
- SOUZA, Frank F. *O segredo de Eça: ideologia e ambiguidade em A cidade e as serras*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

Orietta Abbati. Professora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras e Culturas Modernas da Universidade de Turim. Os seus estudos incidem sobretudo na literatura portuguesa dos séculos XIX, XX e XXI e nas literaturas africanas de expressão portuguesa, com destaque para o poeta e escritor angolano Agostinho Neto e o autor cabo-verdiano Germano de Almeida. Em particular, os seus estudos, ensaios e artigos são dedicados à obra de José Saramago, José Rodrigues Migueis, Mário de Carvalho, Cesário Verde, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Antero de Quental, ao futurismo português e, em particular, à figura de António Ferro. Traduziu e editou *O livro do dessassossego* e *Poesie di F. Pessoa*, (Newton Compton, 2013) e dois volumes de poemas para a BUR, *Il mondo che non vedo*, que contém uma extensa antologia da poesia ortónima do poeta, e *Una affollata solitudine*, uma antologia da poesia heterónima do poeta português. Editou e traduziu os poemas completos do poeta Mário de Sá-Carneiro, a quem dedicou também vários ensaios. Faz parte do grupo de investigação do Centro de História d'Aquem e d'alem Mar (CHAM), da Universidade Nova de Lisboa, e do CLEPUL da Faculdade de Letras de Lisboa.

E-mail: abbatorietta1@gmail.com

Declaração de Autoria

Orietta Abbati, declarada autora, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Parecer Final dos Editores

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 05/03/2025

Aceito em: 30/07/2025